

Sociologia do negro brasileiro*

de Clóvis Moura

Um (re)encontro com Clóvis Moura

A (re)meeting with Clóvis Moura

por Tamires Guimarães do Nascimento**

A primeira vez que eu tive contato com *Sociologia do negro brasileiro*, foi em 2013, através da militância organizada pelo grupo de esquerda *Força Ativa*, da Zona Leste de São Paulo. Outro momento, foi no primeiro semestre de 2014, quando participei de um ciclo de formação sobre o Clóvis Moura, organizado pelo Núcleo de Consciência Negra da Universidade de São Paulo e ministrado por Márcio Farias, estudioso do autor piauiense e hoje coordenador da coleção Clóvis Moura, pela Editora Dandara.

Mais tarde, ainda em 2014, mas agora como estudante de graduação do curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, reencontrei a obra, desta vez apresentada pela professora Renata Gonçalves, que propôs que estudássemos dentro da universidade as discussões feitas por Clóvis Moura; e incluiu o livro nas referências bibliográficas na disciplina eletiva ofertada por ela: “O mito da democracia racial”. Era algo inédito no campus, pois na ocasião o debate sobre a questão racial era inexistente. Além da escassez das reflexões sobre o assunto, na prática o que existia era a manutenção do racismo velado, resultado da rede racista formada dentro das universidades, impactando diretamente na ausência de intelectuais negras e negros no currículo acadêmico.

Há dois pontos importantes neste processo de trazer Clóvis Moura para a academia. O primeiro, diz respeito à aprovação das cotas raciais para o ensino superior. A chegada de estudantes negros e negras na universidade pública revelou de forma expressiva o que vínhamos constatando no nosso cotidiano: uma enorme lacuna quanto à ocupação destes espaços e a invisibilidade de nossos referenciais teóricos e políticos, o que desembocava num fosso quanto aos estudos sobre relações étnico-raciais, o que demonstrava, mais uma vez, que o *modus operandi* permanecia intacto. Assim, nós estudantes negros e negras, juntamente com

* São Paulo: Perspectiva, 2019.

** Mestra em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, Santos-SP, Brasil. End. eletrônico: tamii.taguina@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2821-548X>

professores/as aliados/as, fizemos um movimento de refletir sobre e fornecer subsídios a quem chega à universidade, tentando pensar como chega e como permanece, de forma ampla, levando em consideração as determinações de gênero, raça e classe.

O segundo ponto se refere ao fato de que me refiro a um livro que até então tinha uma única edição, publicada pela editora Ática em 1988, no centenário da abolição. Logo, o acesso a ele era extremamente difícil. Usávamos um PDF surrado, quase ilegível, que circulava na Internet e que, de alguma forma, possibilitava lê-lo na íntegra. Houve colegas da turma que chegaram a imprimir todo o material para coloca-lo em formato de livro. E era assim que se lia o todo.

Um intelectual, um pensador brasileiro do porte do Clóvis Moura, ter uma obra como *Sociologia do negro brasileiro* com apenas uma edição publicada, é reflexo do mecanismo de barragem – que Moura tão bem analisou – elaborado pela sociedade racista. A consequência direta foi que as editoras não inseriram no seu corpo editorial a obra de Clóvis Moura, reproduzindo o *status quo* de veiculação de obras de autores brancos, como Gilberto Freyre, que há 90 anos as editoras lançam e relançam inúmeras edições de *Casa-grande & senzala*, obra que difundiu a suposta existência de uma harmonia entre os escravocratas e escravizados. Ideia combatida por Clóvis Moura já em seu primeiro livro, *Rebeliões da Senzala*, de 1959¹.

Outra consequência direta deste *modus operandi* racista é o fato de estudantes não conseguirem ter acesso à obra ou conseguirem lê-la de forma precária. E o livro, inexistente nas bibliotecas da universidades, atingia um valor astronômico nos poucos lugares em que circulava sua venda, chegando a custar mais de R\$ 150,00 nos sebos, e tornando-se objeto de colecionador, o que obviamente era fora da realidade da imensa maioria de estudantes. É lamentável que uma obra de tamanha envergadura teórica e tão importante para o pensamento social brasileiro, tenha sido empurrada para um nicho em que apenas quem tivesse condições financeiras poderia adquiri-la.

Para minha geração e para as anteriores, a dificuldade para ler *Sociologia do negro brasileiro* representou uma perda gigantesca. Se naquele período existissem outras edições do livro, como havia as de *Casa-grande & senzala* – espalhadas pelo país, desde as bibliotecas do ensino fundamental –, talvez o contato com Clóvis Moura ocorresse um pouco mais rápido, de forma muito mais fácil e muito mais dinâmica, possibilitando o compartilhamento de suas ideias à medida que o livro pudesse circular amplamente. É desse lugar de não acesso à obra que eu questionava muito na época.

Apesar de todas as dificuldades para ler *Sociologia do negro brasileiro*, é preciso dizer que esta obra se encarregou de me fazer repensar sobre temas que se apresentavam como consolidados na sociedade. Um deles é a ideia de democracia

¹ Ver Moura (1959; 2014).

racial como um sistema edificado, que funcionava muito bem a partir da harmonia supostamente construída por uma estrutura social também consolidada. No entanto, Clóvis Moura traz vários elementos que demonstram como ao longo da história foram criados mecanismos que impediam que as pessoas negras ocupassem determinados espaços na sociedade. Estes mecanismos fazem parte de uma engrenagem de manutenção de relações que definem quem pode pertencer a estes lugares ou quem apenas pode circular por eles em determinadas situações, em especial para servir a quem “naturalmente” pertence a tais lugares de prestígio e poder. Segundo o autor, “durante o transcurso da nossa história social, foram criados mecanismos ideológicos de barragem aos diversos segmentos discriminados” (Moura, 2019, p. 90).

O autor faz uma crítica contundente à *intelligentsia* brasileira que simplesmente não avalia estes mecanismos ou, ao contrário, nas palavras do intelectual piauiense, é “como se houvesse um fluir idílico, sem nenhum entrave à evolução individual senão aquele que a capacidade de cada um elidisse” (Moura, 2019, p. 90). Ora, os lugares que trabalhadores/as negros/as foram ocupando logo após a abolição da escravidão no Brasil são os mais subalternizados, como empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, babás etc., profissões que até hoje reproduzem no país a manutenção dos mecanismos de barragem.

A partir dos estudos de Clóvis Moura, é possível olhar para a História do Brasil e perceber o quão difícil é para as pessoas negras conseguirem romper com tais mecanismos. Há cento e trinta e cinco anos elas são sistematicamente impedidas de ocuparem outros lugares. Segundo o autor, disseminou-se no país a ideologia da branquidão. A classe dominante, branca, ao mesmo tempo em que instaurava os mecanismos ideológicos de barragem aos segmentos discriminados também escolhia o branco “como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na nossa sociedade” (Moura, 2019, p. 90). Em contrapartida, esta classe impôs ao negro “um tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente” (Moura, 2019, p.90). E, entre os dois polos, foi estabelecida “uma escala de valores que vê no branco o modelo superior, no negro o inferior e as demais nuances de miscigenação mais consideradas integradas ou socialmente condenadas, repelidas, à medida que se aproximam ou se distanciam de um desses polos considerados o positivo e o negativo, o superior e o inferior nessa escala cromática” (Moura, 2019, p.90). Esse processo levou ao que o autor chamou de *fuga simbólica*, isto é, uma tentativa de se desvincular da dor da realidade que marginaliza e discrimina. O resultado foi a busca penosa para identificarem-se com a camada branca dominante.

Estas observações já demonstram a grandiosidade da obra e o quanto ela me leva de volta a 2014 e à desafiadora chegada de estudantes negros/as à universidade por meio das cotas raciais. A leitura de *Sociologia do negro brasileiro*, em especial o capítulo dedicado ao mito da democracia racial, intitulado “Miscigenação e democracia racial: mito e realidade” (Moura, 2019, p. 89-138), nos permitiu compreender o conflito causado por nossa chegada ao espaço acadêmico. Ficava

evidente que os mecanismos de barragem estavam sem disfarces diante de nós. E, mais uma vez, era preciso resistir. Sob a inspiração de Clóvis Moura e de outros/as intelectuais negros/as brasileiros/as, como Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus e tantos/as outros/as, construímos a disciplina optativa “O mito da democracia racial” (como mencionado); criamos o Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares; organizamos espaços de formação antirracista, sobretudo no interior das semanas da consciência negra; reivindicamos uma disciplina obrigatória na matriz curricular de nosso curso (que passou a existir em 2016 sob o título “Gênero, raça/etnia e classe social”); e, sobretudo, pensamos na acolhida de estudantes negros/as que chegavam naqueles primeiros anos de implementação da Lei de Cotas.

Sociologia do negro brasileiro está umbilicalmente ligado à minha trajetória acadêmica e política na perspectiva antirracista. Foi a leitura deste livro que me ajudou a perceber as entranhas do racismo na construção de minha identidade, dando subsídios para pensar o que é ser uma pessoa negra num país em que a miscigenação cria um grande abismo entre quem é ou não é negro no Brasil

Para além desta relação de intimidade que estabeleci com a obra, é preciso dizer que ela está dividida em duas grandes partes. A primeira, intitulada “Teorias à procura de uma prática”, se subdivide em quatro capítulos: 1) Os estudos sobre o negro como reflexo da estrutura da sociedade brasileira; 2) Sincretismo, assimilação, acomodação, aculturação e luta de classes; 3) Miscigenação e democracia racial: mito e realidade; 4) O negro como grupo específico ou diferenciado em uma sociedade de capitalismo dependente. Na segunda parte, que se intitula “A dinâmica negra e o racismo branco”, também há uma subdivisão em quatro capítulos: 1) Sociologia da República de Palmares; 2) O negro visto contra o espelho de dois analistas; 3) A imprensa negra em São Paulo; 4) Da insurgência negra ao escravismo tardio.

É preciso destacar também que esta nova edição de *Sociologia do negro brasileiro*, traz uma apresentação do intelectual negro Dennis de Oliveira, que reposiciona conceitualmente o negro brasileiro sob o olhar de um intelectual negro – Clóvis Moura. A obra em questão, segundo Oliveira, sintetiza mais de vinte anos de estudos do autor piauiense, ao mesmo tempo em que antecipa alguns conceitos desenvolvidos mais tarde. Em suas palavras:

Trata-se de um momento de consolidação de conceitos teóricos fundamentais e inovadores que permitem pensar as relações raciais e o racismo para além de dimensões comportamentais e episódicas que muitas vezes permeiam a discussão do tema até mesmo entre ativistas do movimento negro. Por essa razão ela se revela de grande importância e extremamente atual, apesar dos seus mais de trinta anos (Oliveira, 2019, p. 9).

Outro intelectual negro, Cleber Santos Vieira, assina o Prefácio “Um rosário de lutas – Clóvis Moura e o Centenário da Abolição”. Para o autor, este livro é sempre lembrado como um marco editorial na trajetória intelectual de Clóvis Moura. *Sociologia do negro brasileiro* é, de acordo com o prefaciador, um

[...] livro-síntese de suas pesquisas, cuja força dos argumentos reside no equilíbrio entre a produção de conhecimento e o intenso engajamento na análise e formulação de resoluções para os problemas enfrentados em diversos níveis pela população negra (Vieira, 2019, p. 15).

Esta nova edição de *Sociologia do negro brasileiro* coloca Clóvis Moura no centro do debate sobre relações étnico-raciais e, ao mesmo tempo, reinaugura as chances de leitura para as novas gerações. Motivos não faltam para ler esta e outras obras do autor. O principal deles talvez seja a possibilidade de conhecer mais profundamente nossa história de lutas, levantes, insurreições, que podem nos inspirar a dar continuidade às inúmeras rebeliões do povo negro contra um sistema e uma classe dominante que insistem em nos subalternizar.

Referências

- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- _____. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.
- _____. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Edições Zumbi, 1959.
- OLIVEIRA, Dennis de. Reposicionando conceitualmente o negro brasileiro no olhar de um intelectual negro. In: MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 9-13.
- VIEIRA, Cleber Santos. Um rosário de lutas – Clóvis Moura e o Centenário da Abolição. In: MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 15-28.